

Associação Nacional de História – ANPUH
XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

Luta para encontrar o rumo certo: lideranças indígenas em Roraima – 1978/1990.

Raimundo Nonato Gomes dos Santos*

RESUMO: Este texto analisa a organização e ação política dos indígenas em Roraima no período de 1978 a 1990, procurando compreender suas principais características enquanto movimento e o perfil de suas lideranças.

PALAVRAS-CHAVE: Indígena; Movimento; Liderança.

ABSTRACT: This work analyses the natives organization and politic actions in period from 1978 to 1990, trying to understand their main characteristics while movement and the profile of their leadership.

KEY WORDS: Native; Movement; Leadership

Tendo como fonte documental as atas produzidas nas reuniões anuais dos tuxauas no período de 1978 a 1990, material que, de alguma forma, veio se integrar ao Conselho Indígena de Roraima- CIR, este texto reflete sobre a organização e ação política dos indígenas de Roraima, procurando compreender, em especial, as principais características do movimento e o perfil de suas lideranças. É fruto de uma inquietação que nos acompanha há algum tempo, sobre a qual produzimos nossa dissertação de mestrado, da qual este texto é fruto. Nossa interrogação, colocada de forma rápida, está em compreender as alterações que levaram os indígenas em Roraima, recentemente, a ganharem força para fazer frente, com certo sucesso, as suas adversidades, ou seja, o que este movimento tem de novidade que permitiu essas alterações. Seu referencial teórico compreende as ações sociais enquanto compostas de práticas e representações (CHARTIER, 1988).

A Reunião Anual dos Tuxauas, encontro que teve início nos últimos anos da década de 1970, reúne, além dos líderes indígenas, setores da Igreja Católica: Bispo, padres, missionários; funcionários da FUNAI, pesquisadores, representantes de outros movimentos sociais, assim como outros movimentos indígenas. Entretanto, convém lembrar que estaremos, no decorrer deste texto, analisando apenas os discursos dos líderes indígenas de Roraima, mesmo sabendo que as propostas levadas a efeito são construídas com apoio de outros atores da sociedade.

Iniciaremos nossa análise procurando contornar, com nitidez, o sujeito das ações que nos interessa aqui. Neste sentido, concluía a assembléia dos tuxauas da região do

* Mestre em História Social pela UFRJ e professor do Departamento de História da UFRR.

Surumu de abril de 1978: “Nós queremos ficar índios”. Em uma outra reunião encontramos a razão para esta afirmação: “Nós somos uma raça diferente, não podemos viver misturados com os brancos porque não dá mesmo”, palavras do Tuxaua Terêncio, da maloca de Cumanã, na assembléia geral de 1979.

Portanto, ser "índio", enquanto um ser diferente, era a premissa básica tomada pelas lideranças indígenas. Era esse o momento em que os indígenas absorviam e ressignificavam o termo "índio", agora forjado pelos próprios indígenas, conforme Roberto Cardoso (OLIVEIRA, 1988:19-20). Esboçava-se assim, a base dos discursos fundadores da nova identidade indígena em Roraima.

Identificado assim o agente social que nos interessa, procuraremos agora destacar o seu ritmo; as suas potencialidades; os desafios enfrentados ou a enfrentar, bem como as funções atribuídas as suas lideranças.

Em suas falas podemos perceber que luta e trabalho se confundem num único objetivo: a busca de valorização da comunidade enquanto um espaço a ser melhorado. Quanto ao ritmo, diz o Tuxaua Terêncio na reunião de novembro de 1978: “(...) índio vai pra a frente devagar não é como o branco¹ que tem mais condições. A nossa vida é a mesma e vivemos do nosso jeito que é o nosso e não podemos viver se não assim”.² Portanto, na construção de uma nova identidade, era necessário observar as condições que se dispunha para não atropelar o sucesso nos projetos que se desejava viabilizar.

Pensando em termo dos potenciais a serem desenvolvidos, a elaboração de uma nova identidade indígena exigia mudanças que não aconteceriam de forma natural, elas requeriam alguma aprendizagem, mas, como todos ser humano, os indígenas também tinham o dom de aprender. Conforme o Tuxaua Felismino da Maloca do Limão: “Ninguém nasce sabido, precisa aprender sempre. Governador, madre, padre, professor, não nasceram assim, mas estudaram, e nós também podemos estudar as coisas nossas para melhorar”.³

Se ninguém nasce sabido, mas se aprende sempre, entendemos que eram as experiências do dia-a-dia que proporcionavam a construção de um saber que permitia montar estratégias para vencer os desafios que o cotidiano impunha. A troca de experiências com os parentes, pelo que percebemos, era a melhor forma de aprendizagem para a vida em comunidade, para a qualificação das lideranças, para um melhor relacionamento entre os grupos e condição necessária à construção de uma unidade capaz de produzir uma história de sucesso.

¹ Branco, termo usado pelos indígenas para se referirem aos não-indígenas.

² Ata da reunião dos tuxauas e professores da Região do Surumu, realizada no período de 25 e 26/11/1978, p. 3.

³ Ata da assembléia dos tuxauas da Região do Surumu, realizada no período de 31/03 a 02/04/1978, p. 3.

Tudo isto era fruto de um trabalho que se produzia relatando as próprias experiências e ouvindo os relatos dos parentes. Os aprendizados eram muitos, iniciando pela identificação. Como disse o Tuxaua Bento de Caraparu: “É muito importante fazer reunião, para falar da nossa vida. Os meus problemas são os mesmos, cachaça, desunião, terras invadidas”.⁴ Como podemos perceber na fala do tuxaua, tudo começava com a identificação entre os problemas vividos, pois, eram semelhantes.

Podemos observar que a fala ganhou importância vital para a construção da unidade, passando a ser percebida enquanto mecanismo que conduzia à libertação. Cirino, Tuxaua da Maloca do Napoleão, se queixava do tempo que lhe foi dado pela coordenação do encontro:

*Nos deram só 15 minutos para todos falar, mas para mim é pouco, eu queria falar só um dia. Estou aqui para saber de vocês, o que está se passando e eu também vou contar o que sei. Primeiramente acho muito bonito estar aqui todos reunidos falando todos de nossa vida, dos nossos problemas.*⁵

Conforme o Tuxaua Terêncio de Cumanã, as reuniões eram “para contar a nossa vida, o que o tuxaua acha difícil, as dúvidas, os problemas”. Parecia haver descoberto ali, o lado político da fala, o que levou alguns ao desejo enorme de fazer uso deste mecanismo. Continuava este tuxaua: “Temos vontade de nos encontrar, de falar dos nossos problemas, mas vivemos muito longe um dos outros”.⁶

Dois anos depois, continuava o Tuxaua Terêncio valorizando a fala, produzindo discursos e contribuindo com a construção de uma nova identidade para os povos indígenas de Roraima:

Nunca deixo de fazer reunião com o pessoal, sempre falo para eles, sempre aconselho eles sobre o que acho certo.

Eu falo alto e às vezes para quem não me conhece parece que estou falando brabo, mas não é, é meu jeito de falar para todos ouvirem bem. Pois é a minha luta é está.

*Depois posso falar mais, lá fora, aproveitando para falar, juntos e encontrar uma solução aos nossos problemas, se temos muitos destes problemas às vezes o culpado é o tuxaua que deveria orientar melhor o pessoal na luta para encontrar o rumo certo. Todos então falem, para nos conhecer e ir sempre pra frente.*⁷

Podemos perceber que a voz era o principal instrumento de ação do tuxaua, pois, falar com energia, orientar, era sua vida, sua luta que podia acontecer a qualquer hora,

⁴ Idem, p. 6.

⁵ Idem, p. 4.

⁶ Ata da reunião de tuxauas da Região do Surumu, realizada no período de 31/03 a 02/04/1978, p.1.

⁷ Ata da reunião geral dos tuxauas de Roraima, realizada no período de 14 a 17/01/1980, p. 3.

em qualquer lugar, sempre tendo por objetivo a busca do “rumo certo”. Isto sinaliza que não existia um objetivo já traçado; não havia um mito a lhes guiar o caminho, a exemplo de seus antepassados, ou um conjunto de idéias políticas de antemão arquitetadas para tal fim. Era uma luta que se conhecia nas suas próprias batalhas, era algo que se construía no dia-a-dia.

Dessa forma, a comunicação se tornava imprescindível para o entendimento, não só com os pares, mas no diálogo que tinha por função resolver diferenças com o não-indígena. É neste sentido que o Tuxaua Belísio de Oliveira, da Maloca da Boca da Mata, sugere para resolver o problema com gado de um fazendeiro que estava estragando as roças da comunidade: “O que nós devemos fazer é falar com ele, ir 30 ou 40 pessoas com calma e dizer de ir embora”.⁸ Ou a experiência narrada por Alcides Teixeira, da Maloca da Barata:

*Tempo atrás que um fazendeiro, Eptácio Lucena, queria expulsar um nosso parente. Foi no Juiz e ele também estava de acordo com o fazendeiro. Nós, porém unidos, mandemos o velho voltar à sua casa e está lá. Porque se ficarmos unidos resolvemos tudo.*⁹

Desta forma, a fala necessitava de uma base que estava na unidade do movimento, esta, quanto mais forte, mais poder e credibilidade ganhavam os discursos.

O movimento indígena em boa parte desse período teve como tema central a demarcação de seus territórios. Compreendemos que este foi o principal catalisador no processo de formação de um movimento coeso, assunto que interessou a todas as comunidades e deu unidade ao movimento em Roraima. Nesta perspectiva, projetos como o de criação de gado bovino foi desenvolvido não só com a finalidade de garantir alimento para as comunidades, mas de servir também como uma estratégia na defesa do território indígena. Além disso, enquanto projeto coletivo, tinha ainda a função de unir a comunidade em torno de um objetivo comum. Nesta mesma assembléia, dizia Terêncio: “A criação do gado é para unir mais o povo. Tem gado uma comunidade que trabalha unida”.¹⁰

Podemos perceber que os projetos coletivos foram os mais valorizados: roças coletivas, a criação de animais de propriedade das comunidades, o comércio em forma de cooperativa, a educação escolar voltada para os interesses das comunidades eram os principais desafios a serem enfrentados.

Voltando à questão da terra, para garantir a posse de seus territórios, as comunidades criaram várias estratégias. Encontramos algumas evidências dessas na

⁸ Ata da reunião geral dos tuxauas de Roraima, realizada no período de 14 a 17/01/1980, p. 5.

⁹ Idem, p. 9.

¹⁰ Idem, p. 11.

assembléia de 1984, onde são destacadas algumas regiões pelas suas experiências. A Região de Normandia, onde “Foram levantados retiros e está-se fazendo criação de animais”; a região da Serra da Lua, pois, lá: “Fizeram a renovação dos varadouros de reconhecimento e alguns parentes fizeram as suas casas nos limites”; a região das Serras, a idéia nessa é “Fazer plantação de cajual nas áreas que estamos pedindo” e “mandar umas pessoas de cada maloca para garimpar e com o dinheiro comprar as fazendas e o gado dos fazendeiros, sobretudo daqueles que já querem sair”.¹¹

Podemos observar que, no movimento de defesa de seus territórios e de retirada dos invasores dos espaços reivindicados, não existe uma estratégia específica para a reconquista e garantia de posse, mas várias alternativas. Na citação acima podemos destacar cinco formas diferentes que se somam na busca de uma solução: pôr alguém para morar lá, usá-lo para criação de animais, fazer uma plantação de cajual, destacar suas fronteiras e, por fim, buscar meios de adquirir dinheiro para comprar a propriedade dos invasores. A pluralidade de alternativas para solucionar o problema mostra criatividade na condução do movimento e negociação em sua resolução.

Como está explícito, nas reuniões cada comunidade colocava seus problemas e suas soluções como forma de partilhar experiências com os parentes de outras localidades. Na assembléia de 1980, o Tuxaua Constantino, da Maloca de Caraparu II, falava como vinha enfrentando o problema com os criadores de gado: “fazendeiro não deixa pescar, caçar, então pego e como o boi dele”. Neste mesmo sentido, falou o Tuxaua Afonso Ambrósio, da Maloca do Morro: “O branco falou que ia botar 3.000 cabeças de gado e nós respondemos que íamos comer muita carne de gado se ele botasse o gado dentro, e é o que vamos fazer”.¹²

Nos discursos em defesa da terra diziam também: “Trabalhar mais para comprar ferramentas, fornos e outras coisas que servem para nós”. Como podemos imaginar, ao exigirem a demarcação da terra, os indígenas chamavam para si o dever de produzir. Isto implicava na revisão de conceitos, na montagem de novas estratégias, na elaboração de projetos e na definição de parcerias.

Tudo isto era pensado e trabalhado pelas suas lideranças. Planos para o futuro eram muitos, vejamos o que dizia o Tuxaua Antonio Trajano, da Maloca de Santa Maria: “Queremos organizar melhor a nossa comunidade, produzir para ter e também para vender. Agora vamos plantar, fazer hortas, aprender a comer verduras. É bom criar, não podemos comprar gados, mas carneiros, porcos, galinhas, patos podemos sim”.¹³ Observamos assim

¹¹ Ata da reunião geral dos tuxauas de Roraima, realizada no período de 04 a 06/01/1984, pp. 10-11.

¹² Ata da reunião geral dos tuxauas de Roraima, realizada no período de 14 a 17/01/1980, pp. 18-19.

¹³ Ata da reunião geral dos tuxauas de Roraima, realizada no período de 09 a 11/01/1979, p. 9.

que seus projetos se refletem nos mais diferentes campos, podendo alterar até mesmo hábitos alimentares: fazer horta, aprender a comer verdura.

O trabalho visando o progresso da comunidade se tornara uma saída para as dificuldades. Entretanto, um parente trabalhar para a sociedade não-indígena se tornou motivo de crítica por parte dos tuxauas. Vejamos o que disse Alcides, da Maloca da Barata: “Muitos querem ainda trabalhar com brancos. Sempre eu fui contra, porque no lugar de defender o que é nosso vamos trabalhar para aumentar o dinheiro no bolso dos brancos”.¹⁴

Como podemos perceber, trabalhar para o não-indígena era fortalecer o inimigo e dificultar o processo de avanço das pretensões das lideranças indígenas. Portanto, evitar que seus membros trabalhassem para os vizinhos não-indígenas era outro desafio para as lideranças. Isso levou o Tuxaua do Limão à situação limite, quando o filho falou em trabalhar para fazendeiros: “Aqui perto não, vai longe, em fazenda longe, que eu não possa ver-te, porque se não vou te matar, se você se empregar com civilizado aqui (...)”.¹⁵

Uma queixa dos indígenas é serem taxados de preguiçosos pelos não-indígenas, nesse período entendemos que procuravam valorizar o trabalho, mas o trabalho que se desejava tinha por único objetivo melhorar as condições das comunidades em todos os seus aspectos. Exercer atividade para os não-indígenas representava fortalecê-los na ocupação do próprio território reivindicado e, dessa forma, dificultar sua saída.

Pensando na função da liderança, a fala dos tuxauas nos leva a imaginar um coordenador que enfrentava com coragem os desafios e mostrava paciência no ato de administrar. Entretanto, ser tuxaua não parecia ser tarefa fácil. Temos evidência disto na fala do Tuxaua Vitalino de Santa Rosa: “Os problemas são muitos, o trabalho é desorganizado e não somos muito satisfeitos da nossa vida. Eu não sei como fazer mesmo, eu pensava de estar trabalhando direito, mas os resultados são poucos”.¹⁶

Parece haver no período uma grande demanda por lideranças, o que achamos óbvio pelo fato de se esboçar neste momento um novo modelo de organização indígena local. Muitos estavam se pronunciando nas reuniões pela primeira ou segunda vez.

Dizia Francisco, de Três Corações, na assembléia de 1979: “aceitei o cargo de tuxaua porque não tinha outro que queria assumir”. É o caso também de Floriano Gino, da maloca do Limão em 1980: “eu nunca procurei este cargo, se pode dizer que caiu em cima de mim, e estou fazendo o possível (...)”, ou ainda, o caso de Tomás de Almeida, da maloca da Santa Cruz: “aceitei o cargo de tuxaua enganado, pensava que era coisa boa, mas não é”.

¹⁴ Ata da reunião geral dos tuxauas de Roraima, realizada no período de 14 a 17/01/0980, p. 9.

¹⁵ Ata da reunião dos tuxauas da Região do Surumu, realizada no período de 31/03 a 02/04/1978, p. 4.

¹⁶ Idem, p. 6.

Entretanto, apesar das dificuldades assustarem, parece que todos contribuíam dentro de suas condições, da melhor maneira possível e tendiam a acreditar no resultado positivo de seus esforços, não só as lideranças, mas as próprias comunidades, como disse Constantino: “Estão acordando e unindo-se”.

Pensando na relação entre liderança e comunidade, vejamos a fala do Tuxaua Anacleto da Maloca do Truaru: “Eu digo que a comunidade deve corrigir os erros do tuxaua. Quem manda não é o tuxaua, mas a comunidade. O tuxaua deve agir junto com o seu povo. O tuxaua que pensa só para si, que recebe coisas e pega tudo para si não está fazendo o bem do povo”.¹⁷

É a vida em comunidade que devia ser o centro das atenções. Dizia o Tuxaua Trêncio: “Fui escolhido tuxaua de meu povo”, isto significa que ele era líder, mas por escolha de um grupo o qual devia representá-lo e obedecer às determinações tomadas em conjunto. E, quanto à forma de se relacionar com os membros da comunidade, ele comenta: “sei pedir ajuda de todos e pedir também perdão quando erro” e dizia mais, “Tuxaua vive igual aos outros”.

Dentro do processo de unidade que se desejava produzir, o tuxaua não podia cometer certos erros sem comprometer o trabalho de todo o conjunto. Os riscos eram muitos, pois, o cargo exigia atenção para muitos detalhes. Dizia o Tuxaua Anacleto Matias, da Maloca de Truaru, na sua segunda participação em assembléia:

*Muito depende do tuxaua para as coisas melhorar. Precisa crescer junto, trabalhando, controlando o andamento da comunidade e botando um freio à desordem, às bebedeiras, à bagunça. Os jovens precisam de festas, mas precisa controle. Este ano fizemos um programa para botar uma roça comunitária e ir mais pra frente animados.*¹⁸

Como demonstra a citação, do tuxaua dependia o desenvolvimento da comunidade, sua unidade e organização. Competia a ele o controle da produção de alimentos, bem como o controle da vida social. Entender que a comunidade precisava de diversão, mas esta devia ocorrer respeitando a ordem da comunidade.

No que se refere ao grau de satisfação da comunidade com seu líder, apenas um fora trocado, tendo como principal motivo ter deixado fazendeiros se estabelecerem em área da comunidade. A causa maior da perda do cargo de tuxaua se dava por conta do uso de

¹⁷ Ata da reunião geral dos tuxauas, realizada no período de 04 a 08/01/1983, p. 13.

¹⁸ Ata da reunião geral dos tuxauas de Roraima, realizada no período de 14 a 17/01/1980, p. 10.

bebida alcoólica, como eles diziam, saiu porque “Era o primeiro a organizar estas bebedeiras” ou “Tomava muito”.

Em linhas gerais, podemos dizer que a comunidade que se deseja ver em ação era uma sociedade de pequenos produtores, desenvolvendo projetos coletivos de plantação e criação de animais, além de exercerem outras atividades, passando até mesmo pelo garimpo. Tratava-se de uma comunidade que valorizava suas tradições, mas estava aberta à utilização dos meios necessários a sua sobrevivência enquanto grupo. Isto abria demanda para o uso de equipamentos modernos, profissionais qualificados, a exemplo de professores, técnicos agropecuários, enfermeiros, além de exigir a montagem de postos de saúde e melhoria na educação escolar. Tudo isso vem forçando as comunidades a recorrerem a projetos e parcerias que lhes permitam estas realizações.

Conforme os relatos dos tuxauas, podemos dizer que todas as transformações registradas no seio dos povos indígenas foram trabalhadas pacientemente, tecidas discurso a discurso, ação a ação pelas suas lideranças. Isto nos leva a crer que neste processo não houve um quadro teórico específico a ser estudado por estes líderes, além de informações e conhecimento sobre os direitos de seus grupos, suas condições de ação e o estudo de táticas para fazer seus direitos serem não só respeitados, mas ampliados.

Parece-nos que a sociedade que almejavam já se encontrava instalada, o que faltava era “encontrar o rumo certo”. Dessa maneira, podemos dizer que a realidade que buscavam não negava a já instalada. Não se tratava de desencadear um processo revolucionário para destruir a ordem vigente e, em seu lugar, instalar uma nova ordem. Portanto, o objetivo principal não era fundar uma nova realidade, mas adequar a existente às novas necessidades.

Talvez o ponto mais importante a ser destacado nesse movimento seja o próprio ator político, o cidadão que esta experiência parece produzir. Conforme Paula Araújo, uma das novidades dos movimentos de minorias surgidos nas últimas décadas do século XX, foi colocar em cena atores políticos diferentes dos tradicionais (ARAÚJO, 2001:22).

Voltando aos indígenas, o tuxaua é um líder político que tem como característica a capacidade, se não de construir, mas pelo menos de acompanhar projetos específicos e autênticos, com objetivos claros e definidos; capaz não só de protestar, de reagir, mas, principalmente, de agir, de propor com criatividade meios para a construção de novos horizontes, mais favoráveis, especialmente ao seu mundo imediato.

Esse novo líder deve ser capaz de planejar não só as táticas de resistência aos seus exploradores e opressores, mas também capaz de traçar o próprio caminho a ser seguido.

É importante observar que as próprias condições morais do líder são imprescindíveis para o movimento.

Dessa forma, o líder que estas experiências parecem produzir é formado dentro do próprio fazer-se do movimento, onde as principais lições necessárias à sua formação saem das experiências do cotidiano, o que requer um indivíduo atento ao desenrolar constante dos acontecimentos, visto que existem objetivos a serem alcançados, mas não existe uma batalha final, a vitória ou os fracassos são vividos a cada dia, tudo é parte de um processo histórico e, enquanto tal, não está predestinado. Cada comunidade vai se organizando de acordo com suas necessidades, seus recursos naturais e humanos disponíveis, o que permite, pelo menos em teoria, seguir caminho diverso.

Nesta perspectiva, não existe uma felicidade legada pelos antepassados, pois, ela encontra-se na energia empregada nas práticas vividas no próprio dia-a-dia, que colocam o indivíduo como construtor de seu devir, responsável por todas suas ações e como artífice de sua liberdade.

Dessa forma, a felicidade que se deseja já se encontra, em parte, ao alcance de todos, pois, viver é partilhar do mundo possível que se constrói na própria existência.

Referências bibliográficas:

ARAUJO, Maria P. Nascimento. **O(s) Sentidos(s) da Política**, in: Revista Proposta, Nº 91 Dezembro/Fevereiro de 2001.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: DIFEL; Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil S.A., 1988.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **A crise do indigenismo**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1988.